

Percursos da
Identidade

Coleção Direito, Política e Cidadania, 32

Eligio Resta

Percursos da
Identidade
uma abordagem jusfilosófica

Tradução e apresentação: Doglas Cesar Lucas



Ijuí
2014

© 2014, Editora Unijuí
Rua do Comércio, 1364
98700-000 – Ijuí – RS – Brasil
Fone: (0__55) 3332-0217
Fax: (0__55) 3332-0216
E-mail: editora@unijui.edu.br
Http://www.editoraunijui.com.br
www.twitter.com/editora_unijui

Editor: Gilmar Antonio Bedin

Editor-Adjunto: Joel Corso

Capa: Alexandre Sadi Dallepiane

Responsabilidade Editorial, Gráfica e Administrativa:

Editora Unijuí da Universidade Regional do Noroeste
do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí; Ijuí, RS, Brasil)

Título original em italiano: *Identità, Capitolo da Opera Le Stelle e le Masserizie: Paradigmi dell'osservatore*. Roma-Bari, 1997.

Catálogo na Publicação:
Biblioteca Universitária Mario Osorio Marques – Unijuí

R436p

Resta, Eligio.

Percursos da identidade : uma abordagem jusfilosófica /
tradução Doglas Cesar Lucas. Ijuí : Ed. Unijuí, 2014. 120 p. –
(Coleção direito, política e cidadania ; 32).

Título original: *Le stelle e le masserizie: paradigmi
dell'osservatore*

ISBN 978-85-419-0099-7

1. Direito. 2. Política. 3. Filosofia do direito. I. Lucas, Doglas
Cesar. II. Título. III. Título: Uma abordagem jusfilosófica.

CDU : 340.12

Editora Unijuí afiliada:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



A Coleção *Direito, Política e Cidadania* é uma iniciativa editorial do Departamento de Estudos Jurídicos da Unijuí e da Editora Unijuí, voltada à publicação de textos que privilegiam a pesquisa jurídica interdisciplinar e a reflexão crítica sobre o direito e suas relações com as diversas ciências humanas e sociais. O objetivo da Coleção é disponibilizar, aos leitores interessados, um conjunto de publicações que contribuam para qualificar o debate sobre os principais temas da área e que auxiliem no desenvolvimento da cidadania.

CONSELHO EDITORIAL

- Dr. José Eduardo Faria (USP – SP)
- Dr. Darcísio Corrêa (Unijuí – RS)
- Dr. Gilmar A. Bedin (Unijuí – RS)
- Dr. Luiz Ernani Bonesso de Araújo (UFSM – RS)
- Dra. Odete Maria de Oliveira (UFSC – SC)
- Dr. Sergio Augustin (UCS – RS)
- Dra. Claudia Rosane Roesler (UnB)
- Dr. Leonel Severo Rocha (Unisinos – RS)
- Dr. Arno Dal Ri Júnior (Fondazione Cassamarca de Treviso – Itália)
- Dr. José L. Bolzan de Morais (Unisinos – RS)
- Dra. Silvana Winckler (Unochapecó – SC)
- Dr. Otávio C. Fischer (Universidade Tuiti do Paraná e Unicamp – PR)
- Dr. Celso L. Ludwig (UFPR-PR)
- Dra. Maria Claudia Crespo Brauner (Furg – RS)
- Dra. Raquel Fabiana Lopes Sparemberger (Furg – RS)
- Dra. Sandra Regina Leal (Faplan – RS)
- Dra. Sandra Regina Martini Vial (Unisinos – RS)

COMITÊ EDITORIAL

- Dr. André Leonardo Copetti Santos
- Dr. Doglas Cesar Lucas
- Dra. Fabiana Marion Spengler

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....9

PERCURSOS DA IDENTIDADE:

uma abordagem jusfilosófica.....21

1. Um vazio espaço invisível.....22

2. Indícios.....25

3. A identidade nômade34

4. “*Perseverare in esse suum*”42

5. Inimiga do eu.....46

6. A armadilha da identidade.....50

7. O “choque” do niilista53

8. Generalizações congruentes57

9. Conflitos e dissídios67

10. O sentido comum da identidade.....71

11. O Círculo de Viena sobre o navio de Teseu	75
12. Os chauvinismos das gerações	79
13. Ninfa fenícia	82
14. O coração secreto do relógio	85
15. O tecelão e sua tela.....	89
16. A carta roubada	91
17. Sinais particulares	93
18. Pastor e rebanho	95
19. Tomar posse de um mundo interior	102
20. Estilos narrativos	106
21. O demônio da própria vida	114

APRESENTAÇÃO

“Fiz de mim o que não soube. E o que podia fazer de mim não o fiz. O dominó que vesti era errado. Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me. Quando quis tirar a máscara, estava pegada à cara. Quando a tirei e me vi ao espelho, já tinha envelhecido.” Assim escreveu Fernando Pessoa, pela pena de seu heterônimo Álvaro Campos, em seu clássico poema *Tabacaria*. O poeta lusitano fala com desprezo de si e conta tragicamente os passos de uma vida de pouca esperança e sem rumo certo. A máscara representa o distanciamento da realidade, um artefato que simboliza o quanto o personagem era um desconhecido para si mesmo.

A identidade conforma, ainda que não somente, um tipo de relação bastante parecida com a descrita pelo poeta lusitano. Tal qual o personagem que se autodescreve no poema como alguém apartado de si num duplo jogo entre realidade e falsa consciência, a identidade, ao configurar-se, se constrói também como simulação, como representação sobreposta sobre as múltiplas possibilidades alternativas e de fluxo permanente. Esconde e revela ao mesmo tempo. Esconde a diferença e revela sua unidade interna e sua pureza artificial. A identificação do sujeito é uma espécie de imagem redutora de seu ser, uma forma de representação ficta de sua própria essência. É a forma como o exterior

faz a leitura de sua presença. Ao se construir como invenção e como existência concreta, com doses de ilusão, a identidade reduz sua própria contingência e se apresenta como uma possibilidade real e inevitável. Sua representação imaginária está nos discursos e narrativas que mantém com outras diferenças. Em palavras objetivas, a identidade simula uma unidade para negar a própria possibilidade de ser outra coisa; revela sua coerência por intermédio do ocultamento de seu oposto e das outras possibilidades de ser.

O fato de se apresentar como uma possibilidade entre tantas, contudo, não transforma a identidade em mera ilusão ou mascaramento artificial. É certo que oscila, que se altera, que absorve novidades selecionadas para poder continuar reproduzindo sua comunicação. Esse esforço, no entanto, de se depurar do diferente, de se separar e de revelar sua face própria é um movimento de autenticidade. Revela-se a identidade como evento único, como algo do ser que não pode ser visto em outro. A representação do ser, seu desvelamento presente em sua identidade é também velamento das condições que lhe negam e que constituem o seu oposto. A identidade que revela parte do ser é a mesma que cobre, que mascara o processo seletivo de uma contingência perene.

Identidade e alteridade escondem-se, mascaram-se mutuamente. O jogo do mascaramento é também um jogo de desmascarar. O preço da identidade é o velamento de sua diferença, uma seleção velada de suas escolhas. Tal como o ator que revela seu personagem desfazendo-se de sua própria imagem, abandonando-a provisoriamente, a identidade presente na identificação porta-se como mensageira de uma representação específica, particular, entificada no ser como se fosse, num dado momento ou lugar, a única imagem possível de si. Por isso invenção; por isso máscara. Para ser uma eficiente forma de representação perante o outro, precisa também comunicar uma substancial ideia metafísica daquilo que porta como representação. Processos de identificação redu-

zem a complexidade e dão objetividade aos códigos que comunicam a identidade como uma particular diferença entre tantas. Por outro lado, nega a sua artificialidade e atesta sua estabilidade recorrendo a sujeitos entificados de identificação, como a cultura, o Estado, religião, etnia, etc. Com isso a identidade pereniza sua condição particular como algo inevitável e praticamente natural.

A precariedade do “eu” e do “nós”, como figuras totalizantes, sobretudo no cenário contemporâneo, torna a identidade ainda mais fluida. Um mesmo sujeito pode assumir, em lugares diferentes, diferentes identidades, como que se colocasse, para cada um desses ambientes, a máscara mais adequada às circunstâncias e ao enquadramento funcional de cada sistema. Vários papéis são representados por um mesmo sujeito. Trabalho, lazer, família, religião, sexualidade, nacionalidade, etc., requerem representações distintas e diferentes formas de reproduzir sua lógica interna de identificação. Maiores serão os recursos à identificação e à simulação de sua particularidade quanto mais lugares e espaços um sujeito experimentar a sua individualidade.

O ocultamento dessa precariedade é resultante de uma identidade construída como forma de garantir a unidade e coerência interna de uma dada estrutura particular de identificação. A identidade, nessa direção, constitui-se como uma representação redutora a respeito de sua capacidade de modificação e de contato com outras alternativas sempre presentes na alteridade. Transfigura-se, a identidade. Move-se, oculta-se, reaparece, negocia, simula e apropria-se, tudo ao mesmo tempo. Com isso garante a unidade de suas representações e afasta o questionamento sobre sua instabilidade estável.

Atualmente o apelo ao direito à identidade tem se transformado numa categoria central nas discussões políticas e teóricas do nosso tempo. O avanço da imigração, os conflitos religiosos, as demandas étnicas e nacionalistas, a nova gramática do corpo e suas múltiplas manifestações

de natureza sexual, de gênero e de cor, têm provocado um intenso movimento de afirmação e reconhecimento daquilo que se é em contraposição àquilo que se diferencia. Ampliam-se e se complexificam os códigos de identificação/identidade que reclamam ser lidos e reconhecidos pelos diferentes sistemas, entre eles o Direito.

Referências ao termo identidade proliferam em todos os lugares. Identidade cultural, nacional, religiosa, étnica, de gênero, profissional, organizacional, etc., sugerem uma ideia de valor positivo, uma qualidade que agrega particularidades e garante a unidade com base numa representação comum. Parece que não se pode acessar ao mundo sem recorrer a uma identidade, destaca Francesco Remotti.¹ Ela sugere ser, no contexto contemporâneo de inseguranças, uma ilha de proteção, uma promessa de certeza e de estabilidade.

O livro de Resta apresenta de modo original, ousado e substancial, aspectos centrais nem sempre percebidos da configuração ambivalente da identidade, que constitui, lembra o autor, a sua condição de possibilidade apenas na relação com seu oposto. A identidade depende de certa obsessão metafísica, de uma ligação abstrata a algo que, para além das particularidades, garante a persecução de um projeto compartilhado. É como se somente na unidade dessa representação as particularidades adquirissem sentido. Esse apelo ao semelhante, ao igual, no entanto, esconde um jogo ambivalente com o seu oposto, com a sua diferença que é condição mesma de possibilidade para a identidade. Definitivamente a identidade só é, em si, um evento possível na paradoxal relação com o outro, com o estranho, com a sua diferença, aduz Resta.²

¹ Remotti, Francesco. *L'ossessione identitaria*. Roma-Bari: Laterza, 2010.

² Consultar, nesse sentido, além do presente livro, Resta, Eligio. *L'identità nel corpo*. In: Rodotà, Stefano; Zatti, Paolo. *Il governo del corpo*. Roma: Giufrè Editore, 2011.

A ambivalência da identidade tal como apresentada por Resta permite compreender que a criação das condições de igualdade dentro da comunidade foram e são, também, as condições de diferença para fora dela. A amizade entre iguais, nesse sentido, pressupõe uma desconfiança entre os diferentes. Os de dentro e os de fora se institucionalizam. Para incluir os primeiros faz-se necessário excluir os segundos.

Nesse jogo de ambivalências e obsessão, a identidade apresenta sua face velada e perigosa. Funciona como mito, como promessa nem sempre realizável. Transforma ilusão e aspiração em realidade.³ Separa para unir, adverte Resta. Inventa ligações artificiais que impedem o reconhecimento dos traços de humanidade comum em cada particularidade, alimentando diferenças excludentes. Por isso, quem se coloca contra nossa identidade parece se transformar em nosso inimigo. O “nós” identitário, ao se contrapor ao “outro” e a sua diferença, constrói os limites do “nosso” e do seu entorno. Sua estabilidade cobra o preço da instabilidade e a sua continuidade o da descontinuidade. A identidade é um ser que é em si e que também o é por não ser outra coisa. A negação de seu oposto é a condição de sua unidade. Enfim, toda identidade tem “como margem um excesso”, tem sempre um algo mais.⁴

Uma ontologia própria das identidades nos revela que ela se constituiu como um paradoxo sempre presente na relação entre sujeito e comunidade, entre particularidade e universalidade. É nesse jogo ambivalente de aproximação e afastamento, de poder e de exclusão, de justaposição e negação, que a relação do indivíduo isoladamente considerado com a sua comunidade traça as ligações de dependência e autonomia, maiores ou menores, entre estas diferentes categorias de uma mesma unidade de diferenciação. Às vezes mais totalidade, outras

³ Bayart, Jean-François. *L'illusion identitaire*. Paris: Fayard, 1996.

⁴ Hall, Stuart. Introducción? ¿Quién necesita de “identidad”? In: Hall, Stuart; Gay, Paul du (Comps.). *Cuestiones de identidad cultural*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

mais particularidade. Esse percurso de afirmação da comunidade sobre o indivíduo ou do indivíduo sobre a comunidade é a marca principal do roteiro que define o mapa da identidade na História humana.

Essa simbiose paradoxal entre indivíduo e comunidade é permeada de representação e discurso permanente, no qual a identidade não é um dado externo, uma essência, mas se constitui dentro da própria gramática de representação de seu estatuto, de seu tempo e de seu espaço. Como processo de (re)articulação constante entre sujeitos e práticas discursivas, define fronteiras, marca e ratifica limites simbólicos que garantem não a simples reprodução do mesmo, mas a elaboração de um mesmo em transformação constante. Por ser estática e dinâmica, a identidade pode ser e deve ser compreendida sem apelo à bipolarização indivíduo/comunidade. Não se trata de contrapor, de modo excludente, indivíduo e comunidade, mas de pensar a forma e o modelo de suas relações na afirmação dos processos de diferenciação e de igualdade.

Uma rápida análise arqueológica da identidade e do problema da diferença permite afirmar que o problema identitário é um tema que surge com evidência apenas no cenário moderno e ganhou contornos multifacetados mais intensos apenas na sociedade contemporânea. A identidade, ensina Resta, é uma categoria problemática e paradoxal. Nasceu para indicar mais do mesmo, uma correspondência de repetição entre características iguais, e adquiriu com o advento da modernidade uma conotação de identificação e de diferenciação. Nas formas comunitaristas de organização da vida social, a totalidade da experiência cultural, religiosa, familiar, etc., colonizava o indivíduo e não permitia o aparecimento de espaços de autonomia e valorização das diferenças de tipo individual. O indivíduo dependia da organização coletiva para existir. Ele não se individualizava. Ele era, em si mesmo, parte da cidade, da cultura, da religião, etc... Não existe como viver fora dela. Não se pode prescindir da vida comunitária como espaço natural de sobrevivência

individual. O indivíduo não é em sua particularidade. Ele somente é numa relação com o todo. Nesse período, descreve Norbert Elias, “o fato de pertencer a uma família, tribo ou Estado desempenhava um papel inalienável na imagem do homem”.⁵ Experiências desse tipo ainda marcam a racionalidade comunitária indigenista e quilombola no Brasil, por exemplo.

Com a modernidade o ser adquire consciência de si e o paradigma da identidade tornou-se possível. Não se tratando de uma substância perene, de uma manifestação de uma natureza essencial, a identidade assume uma dimensão variável e o “eu” é capaz de mudar e de ganhar novos contornos independentemente de elementos formais que o alcançam, uma vez que é na consciência que se processam as modificações que realmente importam para o indivíduo compreender-se como é. Deste modo, com a modernidade, livra-se, a identidade, do conceito de essência, mas incorpora a dimensão de temporalidade e de historicidade. É elaboração permanente que se alimenta de diferenciações e de ambivalências. Seu paradoxo é a sua própria condição de possibilidade. Existem identidades porque não é possível uma identidade absoluta. Cada uma delas vive da negação de sua diferença. A identidade do ser é um traço de sua presença diferente, uma característica que o diferencia da diferença do outro. Resta⁶ demonstra de modo inigualável que é na relação com seu oposto que a identidade afirma seu estatuto. É o que é por não ser outra coisa. Seu espaço e seu tempo são colonizados de vez pela lógica da diferenciação e da identificação.

⁵ Elias, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 131.

⁶ Resta, Eligio. *Le stelle e le masserizie*. Paradigmi dell'osservatore. Roma-Bari: Laterza, 1997.

A identidade, pois, a partir da modernidade e sobretudo contemporaneamente, identifica ao diferenciar, reproduz unidade por processos de separação, unifica dividindo e inclui excluindo. E tudo isso é resultante de processos complexos que dão facticidade e realidade objetiva àquilo que o indivíduo acredita identificar sua condição de ser. Ou seja, se no modelo pré-moderno o ser, como afirmava Heidegger,⁷ era um elemento da própria identidade, com a modernidade a identidade passa a ser um elemento do ser.

Mesmo que tenha incluído a diferença como um dos seus traços, a identidade, nos campos político e jurídico, foi colonizada por racionalidades modernas homogeneizadoras e a ideia de igualdade e de identidade foi significativamente reduzida à pertença formal, a uma entidade estatal e, em muitos casos, de forma subsidiária, a uma religião, família, cultura. A identidade nacional, de certa forma, tentou esgotar o sujeito e reduzir sua posição no mundo pela pertença a uma comunidade política na qual a igualdade abstrata é o principal elemento de unificação. Aqui a ideia de povo e de nação cumpre um papel relevante de identificação ambivalente. Divide unindo: os estrangeiros são condição de possibilidade dos nacionais e vice-versa.

A indiferença (da diferença) ou a desigualdade foi questionada pela igualdade moderna. Aos poucos, contudo, a igualdade moderna homogeneizou e se tornou insuficiente para reconhecer a totalidade das diferenças que habitam a vida real de um sujeito histórico, que não é apenas cidadão de um país, mas uma biografia complexa que carrega sexualidade, cor, etnias, etc., tudo ao mesmo tempo.

⁷ Heidegger, Martin. *Identidad y diferencia/Identität und differenzi*. Edición bilingüe. Barcelona: Anthropos, 1990.

Por isso, a explosão de diferenças e sua visibilidade na sociedade contemporânea, sobretudo após o período pós-industrial e depois da consolidação da democracia na sociedade ocidental, provocaram reações e questionamentos sobre a capacidade de as formas tradicionais de protegerem e reconhecerem as identidades para além das nacionais.

As velhas preocupações comunitaristas, ainda que não desaparecessem, foram substancializadas por reivindicações de reconhecimento identitárias de tipo biográfico, marcadamente privadas, e que constituem e identificam o sujeito com o seu semelhante sobretudo na esfera individual, tal como demonstram as reivindicações de reconhecimento baseadas em questões de cor, gênero, idade... Em palavras objetivas, uma explosão de identidades que habitam um mesmo corpo passaram a requerer visibilidade e reconhecimento pelo direito. O Brasil é farto em exemplos desse fenômeno.

O livro do professor Resta ilumina este debate e indica caminhos teóricos autênticos para se investigar e compreender os diferentes percursos da identidade. Um trabalho que mistura Filosofia, Direito, Literatura, Sociologia, sempre de modo crítico e original, desafia o leitor a pensar e a estudar o tema da identidade e da identificação sem apelos românticos a estatutos identitários e sem chauvinismos que invariavelmente o argumento carrega, situando sua linha de pensamento numa identidade que se constrói como possibilidade do ser que adquire sentido apenas na sua relação com o seu oposto. Esta obra nos ajuda a pensar sobre os excessos do discurso indentitário, seus limites e precariedades, especialmente num momento em que a humanidade necessita de discursos e instituições

mais fortemente cosmopolitas e “juradas em conjunto”. Não é sem razão que o professor Resta aposta numa visão fraterna do Direito⁸ e em novas formas de produzir reconhecimento, responsabilidade e inclusão.

A contribuição da produção teórica do professor Resta torna-se ainda mais relevante e apreciada quando se tem a oportunidade de vivenciar sua sensibilidade, humildade e generosidade no trato com os outros. Tive a feliz oportunidade de conviver alguns meses com o professor Resta na Università degli Studi Roma Tre, Itália, em 2012, na ocasião em que me orientou em meus estudos de Pós-Doutorado. Aprendi muito e reforcei minhas convicções de que os grandes intelectuais, como é o seu caso, sabem dividir, ensinar e conviver com sabedoria que responsabiliza, aproxima e permite amizades.

Cabe registrar por fim algumas notas sobre a tradução. Este livro é a versão do capítulo “Identità”, que compõe a obra *Le stelle e le masserizie. Paradigmi dell’osservatore*, publicada pela editora italiana Laterza em 1997. Em razão de manter certa autonomia em relação aos demais capítulos, a tradução de apenas uma parte da obra não prejudica a compreensão do texto. As passagens em outros idiomas que não o italiano foram mantidas no original, sobretudo porque funcionam como reforços argumentativos e não impedem acesso ao sentido pretendido pelo autor. Algumas poucas notas de tradução, devidamente identificadas, visam a situar o leitor ao contexto italiano ou de alguma questão teórica ou referência presente em outro capítulo da obra.

⁸ Ver, neste sentido, Resta, Eligio. *O Direito Fraterno*. Tradução Sandra Regina Martini Vial. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2004.

Gostaria, por fim, de acrescentar que traduzir e apresentar este livro ao público brasileiro foi motivo de muita satisfação para mim e uma oportunidade diferenciada de prolongar o processo de aprendizado com um dos grandes pensadores italianos da atualidade. Por isso, desejo ao leitor interessado no tema da identidade uma excelente leitura.

Ijuí, RS, janeiro de 2014

Douglas Cesar Lucas

Pós-doutor em Direito pela Università degli Studi Roma Tre, Itália. Doutor em Direito pela Unisinos e mestre em Direito pela UFSC. Professor nos cursos de Graduação e no Mestrado em Direito da Unijuí. Professor no curso de Graduação em Direito do Instituto Cenecista de Ensino Superior de Santo Ângelo – Iesa. Avaliador MEC/Inep. Líder do Grupo de Pesquisa no CNPq Fundamentos e concretização dos Direitos Humanos.